

---

## O CINEMA CONTANDO

---

### HISTÓRIAS

---



---

*Meus personagens são colocados à margem da sociedade e eu quero mostrar como, apesar de tudo, eles podem conquistar seu lugar nela.*  
(François Truffaut)

**E**m entrevista sobre a relação Cinema e História, o historiador Marc Ferro reconhece a importância das imagens para os estudos históricos, a partir dos últimos trinta anos. Entretanto, “muitos dos que as estudam são especialistas em comunicação, não têm uma visão histórica, têm uma visão muito mais comunicacional e técnica do que histórica” (FERRO, 2006).

Essa constatação traz ao texto a *Oração de sapiência* do escritor Mia Couto, proferida na abertura do ano lectivo do Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique, em 7 de março de 2005:

*A minha mensagem é simples: mais do que uma geração tecnicamente capaz, nós necessitamos de uma geração capaz de questionar a técnica. Uma juventude capaz de repensar o país e o mundo. Mais do que gente preparada para dar respostas, necessitamos de capacidade para fazer perguntas. Às vezes me pergunto: de onde vem a dificuldade em nós pensarmos como sujeitos da história? A pergunta crucial é esta: o que é que nos separa desse futuro que todos queremos? Ter futuro custa muito dinheiro. Mas é muito mais caro só ter passado.*

Risco que o poeta Zeca Balero intenciona exorcizar em seu canto:

*É mais fácil cultivar os mortos que os vivos  
mais fácil viver de sombras que de sóis  
é mais fácil mimeografar o passado  
que imprimir o futuro*

*não quero ser triste  
como o poeta que envelhece  
lendo maiakóvski na loja de conveniência...*

É convidado, também, para este diálogo o cineasta francês François Truffaut com suas reflexões sobre o terceiro estágio do cinema, o dos intelectuais, na sua atualidade dos anos 70, do século XX:

*o cinema está em mãos de intelectuais, isto é, com pessoas que em outras circunstâncias poderiam ter escrito romances ou peças de teatro, que dez anos atrás certamente teriam preferido escrever romances ou peças por medo da técnica. Nós vivemos o momento do cinema do autor. O cinema intelectual corre o risco de, em pouco tempo, tornar-se vazio e abstrato. Mas tem também boas chances de tornar-se mais inteligente, forte e sincero do que nos períodos precedentes (GILLAIN, 1990).*

Começar o editorial com esta troca de olhares que intersecciona tecnologias, linguagens e seus dilemas é proposital, pois nunca, como agora, as tecnologias da comunicação provocaram tantos questionamentos e desafios teóricos capazes de legitimar leituras que apontem para a compreensão dos desdobramentos das novas linguagens do século XXI, entre estas, a linguagem fílmica. Linguagem que tem poder de sedução e magia e tanto pode provocar, estimular, como criar ilusões e manipular as percepções dos que buscam o cinema como entretenimento e pagam, sabendo alguns ou não que podem ser iludidos e manipulados. Pode, também, evocar a memória e as emoções do primeiro filme, como relata Edilson Carlos Costa Correia na introdução da sua monografia *O Cinema e a Construção do Patriotismo Norte Americano* (2006). Um rememorar que revela, na ritualização do ato de assistir a um filme, as singularidades de outros tempos do norte do Brasil, o interior do Maranhão:

*Na década de 70, ainda criança, residia em uma pequena cidade situada ao sul do Estado do Maranhão. Nessa época, a cidade não dispunha de televisão. A paróquia da Igreja exibiu um longa-metragem de três horas e trinta minutos sobre uma das paredes laterais da Igreja Matriz, em praça pública. Era *Os dez mandamentos* (1956). O filme foi exibido em duas partes. Ao assistir a primeira parte, mal consegui conter a ansiedade de esperar o outro dia para poder conferir a última parte do filme.*

*A multidão se aglutinava no local, uns levavam tambores, outros assistiam em pé e as crianças se acomodavam no chão. Como era muito pequeno, às vezes não conseguia um bom ângulo no chão, ora ficava em pé, ora sobre os ombros de meu pai. Ainda me lembro dos detalhes do filme. A cena que me chamou a atenção foi a que Moisés desce o Monte Sinai com as ‘Tábuas das Leis de Deus’, e suas enormes barbas brancas. Era uma emoção inexplicável, estava maravilhado, perplexo, diante de tal exibição. Ainda hoje gosto de assistir repetidas vezes a este mesmo filme, para lembrar aquela agradável experiência que, desde então, se tornou uma paixão (OS DEZ..., 1956).*

Prosseguindo com este rememorar, Jéan Claude Carrière (2006) em *A linguagem secreta do cinema*, lembra que, nos primórdios do cinema,

*ao lado da tela, durante todo o filme, tinha que permanecer um homem, para explicar o que acontecia. De pé, com um longo bastão, o homem apontava os personagens na tela e explicava o que eles estavam fazendo. Era chamado explicador. Desapareceu – pelo menos na Espanha – por volta de 1920.*

É tentador acreditar que o explicador tenha desaparecido, em sua primeira versão. Foi destituído do seu lugar de conectador das cenas estáticas, pois a tecnologia das imagens em movimento, com a criação do filme em cenas, o dispensa. Como reconhece Carrière (2006), “há oitenta anos, isso constituiu uma discreta, mas verdadeira revolução; daí o papel essencial do explicador”.

Entretanto, há uma atualização do explicador, quando se propõe um diálogo entre a narrativa histórica e a narrativa fílmica. Ouso conjecturar que as leituras daí construídas remetem ao lugar do explicador original. Seu exercício se justificava por uma limitação técnica. Hoje os novos explicadores são oportunos e necessários para mediar esta sofisticação técnica entre linguagem fílmica e público.

Com esta intenção, a Editora da Universidade Católica de Goiás (UCG) por meio da revista *Fragmentos de Cultura*, disponibiliza aos leitores os oito artigos selecionados para esta edição temática Cinema e História. Sombras Esculpindo o passado: métodos .... e alguns lapsos de memória no estudo das relações do cinema com a história, Március Freire (Unicamp) aborda os procedimentos metodológicos que explicam o potencial da relação cinema e história. Em *A Experiência do Cinema na Cidade do Recife nos Anos 1920*,

Eduardo Duarte (UFP) pontua, no Recife tradicional da década de 1920, as seduções das cidades modernas veiculadas pelo cinema. Imbricações e Diálogos: as influências fílmicas de Luis Buñuel, de Ricardo Zani (Unicamp), estabelece um diálogo entre os cineastas espanhóis Luis Buñuel e Julio Medem, para mostrar um paralelo entre suas obras e significações. *Historical Memory, Theatre and Human Discourse in Saura's 'Ay, Carmela!'*, De Brígida Pastor (University of Glasgow), explica o tema da Guerra Civil espanhola como memória histórica da dignidade republicana e da tragédia social coletiva na Espanha contemporânea. Um “Ser” Tão de Memórias: uma análise do uso da fotografia na construção da imagem-tempo, de Fernando Miceli e Joana Bahia (UERJ), traz questões recorrentes da filmografia nacional, como a religiosidade e o sertão, com novas interpretações das imagens utilizadas. Em *A Liberdade em Vermelho: os lanceiros negros na ficção histórica de Tabajara ruas em 'Netto perde sua Alma'*, Marina Haizenreder Ertzogue e Marcelo Santos Rodrigues (UFT) reconhecem que, com base nas reflexões sobre os sentidos da liberdade na ficção histórica, o diálogo entre história e cinema pode também ser uma fonte de produção de conhecimento. *Casamento Grego: memória e identidade sob o prisma hollywoodiano*, de Marcelo Gruman (PPGAS/UFRJ), reflete o conceito multicultural norte-americano quanto à relação entre projetos individuais, transmissão de memórias coletivas e relações de parentesco em sociedades complexas. *Morrer em Madrid: uma análise do filme de Frédéric Rossif*, de Jeanne Cristina Menezes Crespo (PPGH/UFF), analisa a guerra civil espanhola com base na intervenção do diretor deste filme e de outras fontes documentais, para constatar que a linguagem fílmica pode, também, distorcer e inventar fatos históricos.

Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante  
Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Professora e Pesquisadora no Departamento de História, Geografia, Ciências Sociais e Relações Internacionais da Universidade Católica de Goiás.

## Referências

CORREIA, E. C. C. *O cinema e a construção do patriotismo norte-americano*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

CARRIÈRE, J.-C. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

COUTO, M. *Oração de sapiência*. Disponível em: <[www.macua.org/MiaCoutoISCTEM2005.HTM](http://www.macua.org/MiaCoutoISCTEM2005.HTM)>. Acesso em: 2006.

FERRO, M. Entrevista ao Jornal on line comciencia, disponibilizada em 10.01.2001. Disponível em: <[www.comciencia.br](http://www.comciencia.br)>. Acesso em: 2006.

GILLAIN, A. *O cinema segundo François Truffaut*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

OS DEZ mandamentos. Direção de Cecil B. DeMille. EUA, 1956